EMBORNAL

Revista Eletrônica da Associação Nacional de História / Seção Ceará.

ENTRE PRATOS, TIGELAS E TRAVESSAS: UM BREVE ESTUDO SOBRE O CONSUMO DE LOUÇAS EUROPEIAS PELA ELITE ARACATIENSE (1850 – 1890)[1]

Ana Paula Gomes Bezerra[*]

RESUMO

O estudo *"Entre Pratos, tigelas e travessas: um breve estudo sobre o consumo de louças europeias pela elite aracatiense (1850-1890)"*, tem como recorte espacial a cidade de Aracati, localizada no litoral cearense, na região do Vale do Jaguaribe, distante da capital cearense, Fortaleza, aproximadamente 148 km. A escolha do objeto se deu por sua importância econômica ao longo dos séculos XVIII e XIX, ocasionado pelos ciclos das charqueadas e da cotonicultura. Ambas atividades contribuíram para o enriquecimento e civilidade da urbe, tornando-a um polo de importação e exportação de mercadorias, estreitando as relações com a Europa. Quanto ao recorte temporal, a escolha pela segunda metade do século XIX, se deu por representar um momento de crescimento da cidade e expansão do modelo civilizador capitalista que chega a Aracati através de mercadorias consumidas, como louças europeias, fabricadas principalmente na Inglaterra, e pela instalação de casas comerciais locais e estrangeiras.

Palavras chaves: Cidade de Aracati; Consumo de louças; civilização e consumo.

ABSTRACT

The study "Between dishes, bowls and platters: a brief study on the consumption of European crockery by the Aracati elite (1850-1890)", has as a space cut the city of Aracati, located on the coast of Ceará, in the region of the Jaguaribe Valley, far from the capital of Ceará, Fortaleza, about 148 km. The choice of object was due to its economic importance during the eighteenth and nineteenth centuries, caused by the cycles of charqueadas and cotonicultura. Both activities contributed to the enrichment and civility of the city, making it a pole of import and export of goods, strengthening relations with Europe. As for the temporal cut, the choice for the second half of the nineteenth century was to represent a moment of growth of the city and expansion of the capitalist civilization model that reaches Aracati through consumed goods such as European dishes, manufactured mainly in England, and Installation of local and foreign commercial houses.

Keywords: City of Aracati; Dishwashing; civilization and consumption.

[1] O trabalho em tela nasceu do Projeto de Pesquisa "Capitalismo e Civilização nas cidades do Ceará (1860 -1930) ", aprovado na chamada pública MCT/CNPQ/CAPES – Ação Transversal nº 06/2011 Casadinho/ PROCAD processo 552714/2011-9. A pesquisa é organizada pelo Grupo de Pesquisa Práticas Urbanas, do Mestrado Acadêmico de História (MAHIS), da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

[*] Doutoranda em História pela PUC-RS.

A presente pesquisa tem como objetivo analisar o cotidiano da sociedade aracatiense através das louças[2] europeias de uso doméstico e suas estratégias para se inserir no processo civilizador capitalista. Para tanto se buscou um diálogo com estudos historiográficos, assim como o entrecruzamento das fontes: os documentos escritos e a cultura material recuperada ao longo do levantamento de fontes realizado para a pesquisa: a análise dos termos de propriedade e do catálogo do Museu Jaguaribano, assim como as peças ali expostas[3].

O estudo da cultura material se aproxima da reflexão de Meneses (1983), sobretudo no que a cultura material representa enquanto fonte e sua riqueza de informações acerca do grupo que a produziu ou a consumiu. Segundo Meneses (1983, p: 108) "não se pode desconhecer que os artefatos – parcela relevante da cultura material – fornecem informações quanto à sua própria materialidade (matéria prima e seu processamento, tecnologia, morfologia e funções, etc.)", e "fornece também, em seu grau sempre considerável, informação de natureza relacional. Isto é, além dos demais níveis, sua carga de significação refere-se sempre, em última instância, às formas de organização da sociedade que os produziu e consumiu." (1983, p: 108). Dentro dessa lógica de análise apresentada por Meneses, Klaus Hilbert, em seu artigo intitulado "*Diálogos entre substâncias, cultura material e palavras*" nos faz pensar que as "coisas têm histórias pra contar, que deixaram marcas. Elas aparecem às pessoas de diferentes maneiras", Daí a importância da análise das coisas e dos significados a elas atribuídos por diferentes grupos em diferentes épocas, que nos possibilita compreender que significados eram atribuídos às coisas.

Do ponto de vista teórico a pesquisa ora apresentada ressalta o processo civilizador como um dos responsáveis por tais mudanças, impostas ao longo dos séculos, no modo de viver da sociedade europeia seja na forma de se comportar a mesa ou em grupo. Para Elias (1994, p: 113) esse "modelo de civilidade encontra-se na última fase desse processo e precisa ser difundido a outras nações onde o padrão de civilidade deve ser seguido, esse modelo é o europeu". O autor propõe que o processo em questão iniciado e difundido pela Europa possa ser expandindo pelo mundo. Aliado a este está o conceito de capitalismo que pode ser entendido através da materialidade de suas relações com as mercadorias europeias de uso doméstico. Jessua (2011, p. 9), cumpre um papel relevante ao explicar que o capitalismo "define-se pela apropriação privada dos meios de produção; pela coordenação de decisões por meios de troca, em outros termos, pelo mercado. A sociedade aracatiense adota esse modelo civilizador capitalista a partir da inserção de mercadorias europeias, destacando-se aqui as de uso doméstico.

[2] Do ponto de vista da matéria-prima engloba as faianças, faianças, finas, porcelanas e sua diversidades, que estão presentes nos serviços de chá e café, aparelhos de jantar, travessas, sopeiras, malgas, olheiras, dentre outros.
[3] As peças aqui analisadas foram produzidas e consumidas no século XIX. Todas de origem europeia e pertencentes a aracatiense que as doaram ao Museu Jaguaribano.

A expansão do consumo, assim como do processo civilizador e do capitalismo, estão interligadas entre si, pois, ao produzir, o fabricante busca um mercado consumidor onde possa vender seus produtos. Quanto mais este mercado se expandir, mais lucro terá e mais irá produzir. Surge então a sociedade de consumo, onde a partir de uma necessidade, ou desejo, busca diferenciar-se dos demais, criando por vezes grupos menores dentro de outros grupos e isso ocorre através da aquisição de objetos. Aliando a esse consumo de objetos e a expansão capitalista percebida através da diversidade de mercadorias e de sua produção em massa, está a civilidade e suas regras de comportamento e controle das pulsões, que compõe essa tríade (capitalismo – consumo - civilidade). Nesse caso não basta adquirir um conjunto de chá, precisa ser um produzido na Europa e que seja usado por grupos mais abastados e saber usá-los.

Buscando relacionar as fontes aqui trabalhadas com os conceitos de consumo e processo civilizador capitalista, dividimos a presente pesquisa em três partes: a primeira, intitulada "Industrialização e consumo: a expansão do processo civilizador capitalista pelo mundo", buscaremos compreender, como se deu a expansão do processo civilizador pelo mundo; o segundo denominado "Uma vitrine para o mundo: as Exposições Universais como divulgadoras do modelo europeu", tem como objetivo analisar as exposições como centro irradiador de progresso e modernidade; e por último o tópico intitulado "A sala de jantar: a construção dos espaços domésticos através do consumo de objetos europeus de uso doméstico", busca-se entender como o referido grupo construiu tais espaços e o papel desenvolvido por tais objetos.

1. Industrialização e Consumo: A Expansão do Processo Civilizador Capitalista Pelo Mundo

A transição do produto artesanal para o industrializado não ocorre de forma homogênea e nem instantânea. Um exemplo dessa transição são as fábricas de louça que produziam tanto peças pintadas a mão quanto em grande escala. Com esse exemplo pode-se supor que a partir desse processo de transição, onde o mesmo trouxe consigo não apenas a mudança de uma forma de fazer para outra, mas provocou mudanças sociais, culturais e econômicas.

Essas mudanças passam a ser percebidas desde a trajetória das mercadorias, ou seja, da fábrica ao consumidor final. Essa produção de bens de consumo em larga escala ocorre a partir de uma rede formada pela fábrica (responsável pela produção), os comerciantes (pela distribuição) e os consumidores (pelo consumo), numa estrutura montada sob uma engrenagem principal: a mercadoria, e tendo como objetivo principal o lucro.

A análise aqui desenvolvida se aproxima do pensamento de MacCraken (2003), pois não se pode pensar em uma Revolução Industrial sem relacioná-la a uma Revolução do consumo. Essa revolução do consumo está associada a produção em larga escala de produtos industrializados, como por exemplo, a cerâmica. Porém, devemos entender que tais revoluções não ocorreram de imediato, ocorreram de forma gradativa. Ainda segundo o autor ao longo dos séculos foi se percebendo mudanças significativas no que diz respeito a produção de bens e o consumo dos mesmos.

A industrialização traz consigo os ideais de progresso, modernidade, busca por novos mercados consumidores, novas técnicas de produção, uso de outros tipos de matéria-prima, tudo voltado para uma produção em grande escala. A cerâmica passou a ser considerada uma forma de distinção social dentro dos diferentes grupos social que emergiam ou que almejavam permanecer com o mesmo status social. O autor completa

> “[...] O século XVIII viu a transformação do consumo e do mundo no qual esta se deu. O consumo estava começando a se instalar de modo mais frequente, em mais lugares, sob novas influências, desempenhado por novos grupos, em busca de novos bens e em função de novos propósitos sociais e culturais. O ‘mundo dos bens’ estava se constituindo firmemente como coextensivo ao mundo da vida social”. (MACCRAKEN, 2003, p: 43)

Dentre as mudanças ocorridas destacamos as da fabricação de cerâmica para uso doméstico, desde a técnica de produção até o design que se diversifica sendo inseridos novos itens para compor conjuntos de chá e jantar. Com isso, se expande a produção pela Europa, tendo a Inglaterra como principal produtor.

Esse investimento era visível na *louça* em suas diferentes categoria*s* (*faiança, faiança fina, porcelana, vidrada, pó de pedra e outras)* que acabaram se adaptando as mudanças provocadas pelo mercado, percebidas principalmente na composição da pasta e sua coloração.

Segundo Forty, (2007, p: 13) devemos entender “como os objetos mudam a sociedade e como a mesma muda o objeto”, pois eles nem sempre permanecem na sociedade que os produziu, sendo importante (2007, p: 14*)* “entender o objeto e sua trajetória, onde podemos compreender seu contexto social e a sociedade que o consome”. O objeto, ou melhor, a mercadoria ou o bem de consumo, na concepção de McCracken (2007, p: 100) *“têm uma significância que vai além de seu caráter utilitário e seu valor comercial”*, ou seja, ao ser produzido lhe é introduzido uma carga cultural da sociedade que o produziu, circunstâncias em hábitos e costumes são inseridos. Como exemplo, temos as louças produzidas na Europa e difundidas pelo mundo. Esses referenciais culturais tornaram-se um atrativo para a aquisição destas.

A louça, segundo Lima (1995, p: 129) tinha um "considerável investimento na quantidade e na diversidade". Portanto, isso "permite supor que elas cumpriam, à época uma função social de tal forma relevante, que o fenômeno merece uma investigação em maior profundidade". Essa função social está relacionada à sua inserção no processo civilizador capitalista, onde a louça, procurando atender as exigências do mercado consumidor, transforma sua produção artesanal para industrial, já que o seu uso se tornou um exemplo de civilidade. E para ampliar seu público consumidor, os artesãos foram se especializando em novas técnicas, como foi o caso da Inglaterra, que embora já produzisse cerâmica, principalmente em suas olarias em Staffordshire, foi a partir do século XVIII que se destacou na sua produção.

A importância dessa louça é descrita por Roche ao analisar a necessidade de se criar móveis para guardar os objetos. O *bufê* "[...] apareceu com a multiplicação dos objetos, cerâmicas, louças que não se podiam mais guardar apenas em tábuas ao ar livre ou pendurados. Fechado em portas, foi um progresso na proteção das coisas"[4]. Com tal afirmação pode-se perceber a importância dada aos objetos na França no século XIX e tal costumes é transmitido à sociedade carioca. Pensando no uso das cristaleiras como forma de demonstrar seu status social.

De acordo com Bandeira (2013, p: 123) a especialização na produção de cerâmica, ocorreu por ser a porcelana "um artigo privilegiado para reis, príncipes e aristocratas, e exercia um fascínio entre os europeus devido à brancura da sua pasta, à leveza e à finura em suas formas, cobertas por uma delicada decoração". Ainda de acordo com a autora isso muda "quando os holandeses monopolizaram essa preciosa mercadoria, tornaram-na mais acessível também às classes mais modestas, entretanto, a porcelana ainda era um produto caro e nem sempre, fácil de conseguir diretamente da fonte".

Essas mudanças ocorridas na produção da cerâmica são justificadas por Bandeira (2013, p: 123) como uma tentativa de substituir a porcelana quando esta encontrava-se em falta no mercado, sendo assim

> "[...] para suprir a grande demanda em produzir algo semelhante, em uma qualidade igual à porcelana, os europeus desencadearam, a partir do século XVII, uma série de evoluções na faiança que apresentasse condições tanto para concorrer com a própria faiança quanto a porcelana, culminando na simplificação da sua fabricação, em meados do século XVIII" (BANDEIRA 2013, p: 123)

[4] ROCHE. Daniel. *História das coisas banais,* o nascimento do consumo séc. XVII-XIX. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.p 235

Essa tentativa de se aproximar a qualidade da porcelana proporcionou, segundo Ognibeni (1998, p: 240), uma mudança na forma de produzir a cerâmica e dessa forma "em 1750, o sistema de torno foi substituído pelo uso de moldes e, em 1770, foi criada a técnica decorativa conhecida como *transfer-pritting,* possibilitando a fabricação de louças decoradas sem ter que pintá-las à mão". Essa substituição proporcionou mais rapidez na produção em larga escala e contribuíram para a expansão da mercadoria pelo mundo.

De acordo com Miller (2009, p: 116) o "printed (impressão) é o termo mais comumente utilizado por fabricantes e comerciantes de cerâmica para se referir a louças com transfer-printing (impressão por transferência)." Esse processo afirma Miller (2009) foi patenteado em 1751, porém a impressão em larga escala só ocorreu em 1756, em Liverpool, quando Saddler e Green requereram a patente. O processo utilizado nesse período segundo Miller (2009) era "feita por cima do esmalte", só em 1760 as "impressões sob o esmalte" foram utilizadas em porcelana inglesa e só vinte anos depois foram utilizadas em faiança fina em Starffordshire, na Inglaterra.

Essas mudanças ocorridas na produção destas mercadorias estão associadas a expansão comercial e industrial ocasionada pelo processo capitalista cada vez mais presente. Segundo Hobsbawm (2012, p:66) esse processo se expande a tal ponto que "o mundo inteiro tornou-se parte dessa economia", e passou a ser chamada de economia-mundo. Podemos perceber essa expansão capitalista presente na produção da cerâmica segundo Brancante (1981, p: 133) a quantidade de fabricas de faiança na Inglaterra, no século XIX chegam a "200 estabelecimento entre grandes e pequenos e produziu tanto para o mercado inglês como para a exportação". Com a intensificação da industrialização na Europa, principalmente na Inglaterra, ocorre a exploração de novos mercados e a busca por novos consumidores. Essas mercadorias diferiam tanto na técnica como na matéria-prima utilizada, buscando atingir diferentes gostos e consumidores, sendo também, um elemento de distinção social.

Embora até o momento tenhamos destacado as inovações na técnica e na produção cerâmica recuaremos um pouco para explicar a importância destes e de outros centros produtores que contribuíram para o crescimento e expansão desta produção.

No mapa abaixo pode ser observado os principais centros produtores de cerâmica na Europa.

Figura 01 – Principais centros comerciais e produtores de cerâmica da Europa



Fonte: GARCIA, Patrícia Fournier (1990) p: 128

De acordo com Lima (1995, p: 187) "dentre a variedade de itens produzidos pela indústria europeia, as louças de mesa e de chá tornaram-se um dos principais alvos para acumulação de capital". Foi notória a intensificação da industrialização na Europa, principalmente na Inglaterra, que paralela à exploração de novos mercados e a busca por novos consumidores, incrementava a diversidade na produção de bens de consumo, como as louças, sendo a faiança fina uma das mais populares.

Entre os séculos XIX e XX, a faiança fina europeia passou por diversas transformações em seu modo de produção. Podemos destacar o emprego de diferentes tecnologias na constituição da pasta e esmalte na sua fabricação, além do aprimoramento de variadas técnicas

na aplicação de estilos e figuras. Outras mudanças sofridas foram com relação ao esmalte utilizado nas peças, que ossibilitou a aplicação de formas decorativas e artísticas, pinturas, transferências de imagens, relevos e carimbos. Através dessas mudanças o consumo de louças passou a ser uma forma de distinção social.

Com as Exposições internacionais, ainda segundo o autor, "a moda das Exposições internacionais posta em prática pelos ingleses no meado do século XIX, seguida pelos franceses" foram os responsáveis pela divulgação da faiança fina, principalmente através da Exposição universal ou internacional de 1867, em Paris.

Para atender as necessidades do mercado consumidor interno e externo, a Europa passou a fabricar produtos que fossem acessíveis aos diferentes grupos sociais. A diversidade de produtos possibilitava a inserção de tais grupos e a exigência por parte da camada alta da sociedade por produtos que os diferenciassem dos demais. A louça cumpriu bem esse papel, mais que outras mercadorias de uso doméstico.

Aliada aos códigos de civilidade, a louça cumpriu o seu papel dentro do processo civilizador capitalista, permitindo as diferentes camadas sociais se inserir, embora devido o valor atribuído às mercadorias somente um pequeno grupo conseguia se apropriar dos mesmos. A diversidade de tipos e padrões de louças possibilitava a sua expansão e consumo, além de inserir as normas para seu uso. A ritualização das refeições, atuavam como marcadores e indicadores sociais, principalmente o jantar e o chá, pois cumpriam essa função cerimonial com as regras de civilidade que os acompanhavam, assim como a grande variedade de itens que compunham a mesa.

Com o aumento da produção de bens de consumo, ocorreu a necessidade da venda de tais mercadorias. Uma das formas encontradas foram as feiras mundiais. Essa divulgação inicia na segunda metade dos oitocentos quando o mundo assistia a expansão das ideias de progresso e civilidade. Diante disso surgem as chamadas Exposições Universais que tinham como objetivo expor bens materiais diversos aliados à ideia de modernidade, onde as inovações tecnológicas e a diversidade de produtos eram expostas em estantes montados pelos países participantes, e através de catálogos distribuídos aos participantes da feira. As primeiras exposições tiveram o apoio da Inglaterra e França, que representavam um modelo de modernidade. Esse progresso foi logo se expandindo pelo mundo por meio dos artigos de luxo, como louças, mobílias, adornos e itens de higiene, dentre outros. A Inglaterra, na segunda metade do século XIX, cumpriu o papel de agente modernizador através das Exposições Universais, pois refletiam o duplo processo de transformações industriais e políticas.

2. Vitrines e Catálogos. As Exposições Universais como Divulgadoras do Modelo Europeu de Progresso e Modernidade.

Essas ideias incitadas pela ideia de progresso, modernidade, civilidade e consumo chegam ao Brasil ainda na segunda metade do século XIX. Nesse período ocorreu uma maior entrada de produtos europeus, principalmente oriundos da Inglaterra e França, embora essa entrada de produtos fabricados e consumidos na Europa tenha se iniciado em 1808 com a chegada da família real portuguesa ao Brasil e a abertura dos portos, havendo um comércio direto entre Brasil e Europa, principalmente com a Inglaterra.

Na segunda metade do século XIX, se intensifica a entrada de produtos europeus, o que incentiva a instalação de Casas Comerciais, principalmente de origem europeia, provocando grandes mudanças no país, principalmente econômicas, sociais e culturais. Com isso, a partir da inserção do Brasil na economia mundo, o mercado brasileiro se tornou atraente para a fixação de casas comerciais estrangeiras que forneciam as mercadorias necessárias para que a sociedade se aproximasse cada vez mais ao modelo de civilidade. Estas empresas se especializaram na importação de bens de consumo, assim como na exportação de produtos nacionais, como o couro, o algodão, dentre outros. Essas relações comerciais se intensificaram com o auxílio das "Exposições Universais ou Internacionais", que apresentavam aos interessados uma grande diversidade de produtos a serem comercializado.

Além das exposições acima citadas, destacamos a segunda Exposição Universal de Paris no ano de 1889 e a de Chicago em 1892, sendo a última destas realizada em 1922, na cidade do Rio de Janeiro. Destacamos aqui a participação do Brasil nas exposições em Londres em 1851, em Paris, 1867 e 1889, nos Estados Unidos, nas exposições da Filadélfia, 1876 e Chicago1892, e na exposição do Rio de Janeiro, em 1922. O Brasil, embora estivesse presente em todas as exposições universais realizadas, ressaltasse sua participação na Exposição Universal de Paris, em 1889.

Na Exposição Internacional de 1873, em Viena, o cearense Joaquim da Cunha Freire recebeu uma medalha de mérito na indústria química. A presença do Ceará nas referidas exposições se deveu ao papel desenvolvido pelas casas comerciais enquanto interlocutores entre os fabricantes e consumidores, além de apresentarem o Ceará para o mundo. A participação de Aracati nas Exposições Universais foi descrita por Nobre (1989, p. 79), ao citar a Exposição de 1861, ocorrida em Pernambuco. O autor afirma que

> "[...] Dada a exigüidade do tempo, a participação do Ceará, à remessa feita por Aracati, a cargo do Comandante Superior Manuel José Pereira Pacheco, sendo os produtos, como se observa, da região do Baixo - Jaguaribe, exceto as amostras do riscado de algodão fabricado em Sobral, e da fruta de macaúba, procedente do Crato". (NOBRE, 1989, p: 79)

O autor apresenta uma relação dos objetos remetidos para a citada exposição, dentre eles, destacamos: uma xícara e pires, uma tijela e prato, todos feitos de emburana; além de amostras de bicos e riscado de algodão etc. O papel das casas comerciais foi de grande relevância para o sucesso das exposições nacionais e internacionais.

Nsse crescente comércio durante a primeira metade do século XIX, a Inglaterra estabeleceu comércio mais intenso com o Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, onde eram realizadas atividades de importação de mercadorias como chapéus, calçados, louça, vidros, entre outros. Porém durante a segunda metade do século XIX esse comércio triplica, inserindo-se esse processo civilizador capitalista por outras regiões do Brasil, dentre elas o Ceará.

O comércio entre Brasil e Europa, segundo Takeya (1994) se intensificou na segunda metade do século XIX, tendo a França ocupando lugar de destaque:

> "(...) no decorrer do século XIX, sobretudo de 1850 até o seu final, a França ocupou uma posição privilegiada nas relações comerciais externas brasileiras: o segundo país no movimento de importação e exportação de mercadorias no Brasil, logo em seguida à Inglaterra". (TAKEYA, 1994, p: 111).

Essa busca de se aproximar do modelo civilizador europeu, pode ser percebida a partir da inserção de mercadorias de origem europeia, como afirma Freyre (2000, p. 77) "são esses artigos os que mais rapidamente modificam a cultura – cultura no sentido sociológico – de um povo: talheres, louça, alimentos, móveis, fazendas, roupas feitas, chapéus, calçados, selins, carruagens." Isso se deu, devido à expansão capitalista iniciada em 1850, como afirma Hobsbawm (2012, p. 61) "dificilmente podemos datar a grande expansão antes de 1850", onde o desenvolvimento econômico possibilitou o que podemos chamar de economia mundo. Como sugere o autor "o capitalismo tinha agora o mundo inteiro a seu dispor, e a expansão simultânea do comércio e dos investimentos internacionais dá bem a medida do entusiasmo que teve em capturá-lo." (2012, p: 67) Diante disso, os investidores europeus viram no Brasil um atraente mercado consumidor de suas mercadorias, inserindo o Brasil no processo civilizador capitalista..

No que diz respeito ao Ceará essa expansão começou por Fortaleza centro irradiador, se expandindo por Sobral, Quixeramobim, Crato e Aracati. Porém a cidade litorânea de Aracati passa a ter um maior destaque econômico ao longo de quase três séculos.

Com o crescente comércio com a Europa, o Ceará se destaca no cenário econômico. Isso pode ser percebido através de sua participação nas chamadas Exposições Nacionais, sendo sua primeira participação em 1862. A participação do Ceará nas exposições regionais e nacionais cresce nos anos seguintes. Com o crescimento comercial, o Ceará torna-se atraente para os

comerciantes, possibilitando a instalação de casas comercias estrangeiras e nacionais que exerciam as atividades de importação e exportação de produtos e mercadorias. Quanto à participação do Ceará nas exposições, regional e nacional, Geraldo Nobre afirma que

> "Causa estranheza que, das Províncias do Norte cujas Capitanias foram escolhidas para sediar as Exposições Regionais, o Pará concorreu ao certame nacional com um produto somente, Pernambuco com três e a Bahia com sete, somando onze, apenas um terço da quantidade de objetos expostos pelo Ceará, precisamente trinta e quatro, a comprovar, de modo insofismável, o maior interesse dos cearenses em exibir a sua produção". (NOBRE, 1989, p74)

Dentre as várias casas comerciais que surgiram em Fortaleza, destacamos a Casa Boris Frères, fundada em 1869, por Alphonse e Theodore Boris com a denominação de *Theodore Boris & Irmão*[5].

De acordo com Mota (1982, p.12) entre os anos de 1870 e 1871, Alphonse e Theodore devido a guerra franco-prussiana, retornam à França e com seu irmão Isaie Boris, "fundam em Paris a casa de comércio Boris Frères". Ao retornarem ao Ceará instalam uma filial[6], juntamente com os irmãos Achille e Adrien.

A Casa Boris Frères deu o impulso que faltava para as relações entre Europa, Brasil e Ceará. Após a inauguração de sua filial na cidade de Fortaleza, em 1870, intensificou suas relações comerciais de importação e exportação de mercadorias. As mercadorias importadas tinham, em sua maioria, a origem europeia: tecidos, roupas, perfumarias, artigos de decoração, mobílias entre outros. Já os produtos exportados, eram artigos regionais, como o algodão, a cera de carnaúba, as peles, os couros, as sementes de mamona e oiticica, etc.[7]Além da referida casa os irmãos investiram em outras "transações econômicas". Destacamos as agências de seguro e navegação, casa bancária, prensas de algodão, dentre outras.

A Casa Boris Frères foi a responsável pela organização das mercadorias cearenses para as Exposição Universal de Paris no ano de 1889, de Chicago em 1892[8], e do Rio de Janeiro em 1922. A citada comissão levou cerca de 60 localidades cearenses, dentre elas, destacamos; Crato, Granja, Sobral, Quixadá, Aracati e Russas. Ainda de acordo com Mota (1982, p.: 16) os produtos levados para a Exposição Universal de Chicago foram milho, capim, arroz, cana-de-açúcar, chá, café, fumo em folhas, animais domésticos, joias e enfeites, couros, penas de ema, entre outros. De acordo com Takeya :

[5] Mudou para Casa Boris Frères em 1870.
[6] Localizada à rua da Palma, atualmente denominada de Major Facundo.
[7] Além da exportação de produtos cearenses a firma Boris Frères integrou, em diferentes períodos, a comissão responsável por mostrar os produtos (milho, águas minerais, cerâmica) de cidades cearenses (Aracati, Quixadá, dentre outras) em exposições nacionais e internacionais, como a de Paris (1889), a de Chicago (1892) e a do Rio de Janeiro (1922).
[8] Ver : No País dos Iankes de Adolfo Caminha, publicado pela primeira vez em 1894

> Embora, como expositora, sua Casa tenha divido a participação com mais nove representantes cearenses, ela foi, numericamente, a mais importante representação do estado: esteve em 11 das 82 "classes" em que se distribuíram as mercadorias expostas, enquanto que os demais participaram, em média, de apenas 2 classes. (TAKEYA, 1995, p.: 166)

Estas relações comerciais com a Europa perduraram até meados do século XX. No ano de 1910 os negócios de importação de produtos estrangeiros foram suspensos, continuando a Casa Boris Frères, com a exportação de produtos, principalmente cearenses, entre outros negócios. Outras casas comerciais de menor ou maior importância foram aos poucos adaptando seus negócios, se especializando em outros campos de atuação, como casas bancárias, comércio de água mineral, estrada de ferro e outros. Além do comércio com as mais distantes vilas ou cidades do Ceará, intermediando, por vezes negócios entre a Casa Boris Frères e os comerciantes locais.

No caso de Aracati a entrada de mercadorias europeias importadas[9] eram principalmente *de uso doméstico*, como os artigos utilizados na mesa e cozinha, como as *louças*[10] presente em serviços de chá e café, aparelhos de jantar, travessas, sopeiras, molheiras, talheres, vasilhames de cerâmica, taças, licoreiras, garrafas de vidro e grés para bebidas, etc., *a mobília[11] e os adornos[12],* proporcionaram mudanças nos hábitos e costumes na sociedade em questão.

Na cidade de Aracati ao longo da segunda metade do século XIX foram sendo instalada uma grande quantidade de casas comerciais de origem europeia que segundo Takeya (1995, p. 137) instalados devido à forte "atração que a cidade de Aracati exerceu sobre essas comerciais francesas que vieram estabelecer-se. Embora no século XIX estivesse em curso o processo de hegemonia de Fortaleza, aquela cidade continuou sendo um pólo comercial importante". Dentre as casas comercias, podemos destacar as de origem francesa, como: *Gradvohl Frères, Benoit Lévy* e seus irmãos, *George Jacob, Brurmschiveiberg* e *Gustave Habisreuttinger.*

A presença das citadas casas nos fornece um panorama do que era comercializado no período aqui exposto e a partir da instalação de tais casas podemos compreender a relação de Aracati com essa economia mundo que se expandia. As casas comerciais cumpriam um papel importante diminuindo as distâncias e inserindo um modo de vida europeu, os aproximando de um modelo de civilidade através dos objetos adquiridos. Devemos ter claro, que esse processo civilizador capitalista não acontece da mesma forma nem tão pouco com a mesma intensidade. Difere de lugar para lugar, de época para época, sendo necessário entendê-lo dentro de seu contexto.

A presença de tais estabelecimentos comerciais traziam consigo o "bem estar" presente nos bens de consumo. Essas mercadorias eram vendidas a consumidores locais e ainda das cidades circunvizinhas, como Russas e Icó.

---

[9] Estão inseridos aqui os donos de casas comerciais ou firmas comerciais de importação e exportação de mercadorias estrangeiras, assim como os representantes comerciais.
[10] Ao destacarmos as louças, estamos nos referindo ao sentido amplo da palavra, que engloba as faianças, faianças finas, porcelanas e suas diversidades.
[11] A mobília em questão está relacionada a sala de jantar, sala de visita ou estar e a cozinha.
[12] Enfeites utilizados na decoração dos espaços domésticos, como a sala de visita.

3. A Sala De Jantar: A Construção dos Espaços Domésticos Através do Consumo de Objetos Europeus de uso Doméstico

A sala de jantar era considerada *um espaço sagrado*, destinado a exibição da distinção. Entre os rituais adotados pelos europeus e difundidos pelo mundo, destacamos o chá e o jantar. O primeiro ritual adotado foi o do chá. À medida que seu consumo aumentava, a quantidade dos itens que o acompanhavam também crescia.

A popularização do uso da faiança na produção dos conjuntos de chá ocorreu segundo LIMA (1997, p: 95) “sendo a prata cara, o estanho inadequado – além de escasso – e a porcelana por demais frágil, aumentou consideravelmente a demanda sobre a faiança”. Com a adoção do chá, o crescimento do consumo do mesmo e o aumento na produção de louça, os ingleses adaptaram seu ritual. Uma das primeiras mudanças foi a reprodução do referido equipamento utilizado pelos chineses, o estanho foi substituído pela porcelana, faiança ou prata. A substituição se deu devido o sabor desagradável que o estanho dava ao chá. Além dessa mudança foram inseridos outros itens aos conjuntos de chá.

Na transição do século XVIII para o século XIX, o chá podia ser servido na esfera doméstica das camadas médias e altas da sociedade inglesa em três ocasiões sociais: no desjejum, nesse caso de forma privada e informal; ao final da tarde ou à noite, em uma refeição formal, com a participação da família e com convidados; e por último, nas festas realizadas à noite para um número maior de convidados. Esse ritual tornou-se por excelência um espaço de sociabilidade e exibição de status social.

O segundo ritual, o jantar, foi incorporado ao cotidiano europeu e segundo LIMA (1998; p: 138) “dar um jantar passou a ser considerado o mais importante dos deveres sociais, um complicado ritual regido por centenas de pequenas e quase imperceptíveis regras, que compunham um rígido protocolo”. Para atender as necessidades do referido ritual, se inserem diferentes itens para compor a mesa, como aparelho de jantar, copos de cristais, talheres (garfos, facas e colheres), tigelas, sopeira, entre outros. A diversidade de itens e modelos possibilitavam uma distinção social, pois nem todos os grupos podiam adquirir produtos com a mesma qualidade. A forma de colocar a mesa e servir os convidados funcionava como forma de aceitação do grupo.

A organização do espaço exige a invenção de uma paisagem de consumo que revele o poder econômico do anfitrião: louças, mesas de jantar elásticas, cadeiras, mesas acessórias, aparadores, compoteiras de vidro, galheteiros de prata, talheres de prata (para chá e jantar),

castiçais de prata e mangas de vidro, taças de cristais, salvas de prata, aparelhos de jantar e conjuntos de chá entre outros. Isso tudo demonstra a posição social do anfitrião.

Esses objetos que podiam ser encontrados nas casas das elites de Aracati são algumas das descrita por Elias (1994, p: 113) no século XIX na Europa e que define o modelo de civilidade que "encontra-se na última fase desse processo", o autor refere-se aqui ao processo civilizador, e precisa ser difundido através dos utensílios domésticos, tanto do seu uso quanto da crescente diversidade de suas formas e matéria-prima.

> [...] Em muitas ocasiões, não só os pratos são trocados depois de cada tipo de comida, mas também os utensílios. Já não basta comer apenas com a faca, o garfo e a colher, em vez de se usar as mãos. Cada vez mais na classe alta, um implemento especial é usado para cada tipo de comida. Colheres de sopa, facas de peixe e facas de carne são postas em um dos lados do prato. (ELIAS, 1994, p.: 114)

Esses bons modos chegam ao Brasil por meio dos manuais de civilidade, no qual se ensina desde o comportamento à mesa ou em grupo até como se deve colocar uma mesa em ocasiões especiais, como banquetes. A realização de tais rituais exigia da elite aracatiense todo um aparato de objetos que criava uma sociedade de consumo que buscava se diferenciar dos demais grupos sociais.

O consumo de mercadorias de uso doméstico gerou sua produção e diversificação, como os objetos que compõe o serviço de mesa que variavam entre os diversos padrões decorativos de louças, presentes nos conjuntos de chá e café, assim como no aparelho de jantar. Os talheres de prata podiam diferenciar-se quanto a seu cabo que poderia ser de marfim ou de uma matéria tão nobre quanto àquela. A mobília europeia, ou de traços europeizantes, foi sendo inserida na paisagem do lar das elites e tornando-se essencial nos lares aracatiense. Dentre elas destacamos o guarda louça, as cadeiras, os sofás, dentre outros que foram preenchendo os espaços e tornando-se indispensáveis elementos de distinção. De acordo com os termos de propriedade das referidas peças podemos observar a presença de louças provenientes da Inglaterra, França e Alemanha, assim como a mobília de origem austríaca. O uso de selos ou carimbos nos permite identificar o padrão, o período de produção da peça, a fábrica e sua procedência, como pode ser observado abaixo.

Figura 02: Alguns selos das fabricas de louça europeias [13]



Fonte: Acervo do Museu Jaguaribano (Aracati/Ce)

Os selos ou carimbos acima correspondem aos encontrados nas peças doadas ao referido museu e identificados na documentação analisadas, termos de propriedade e catálogo das peças do mesmo. Desta forma, analisando o termo de propriedade de um dos doadores o *Sr. João José Dias de Oliveira,* percebemos que a maioria das peças doadas têm origem europeia e foram produzidas no século XIX.

> uma molheira florada, porcelana inglesa
> um bule de chá florado, porcelana inglesa
> uma tijela de porcelana germânica, com bordados roxos
> uma chícara p/ café, porcelana francesa, em cores: verde, rosa e ouro
> uma chícara p/ café, porcelana francesa, cor: branca e ouro
> um sofá e duas cadeiras de braços, austríacos
> quatro cadeiras austríacas pretas
> (Comprovante de Título de Propriedade nº 001/M, 12 de dezembro de 1968)

De acordo com o referido termo o proprietário tomou posse de quatro cadeiras austríacas pretas em 20 de julho de 1972. Assim sendo, o catálogo do museu (1980) fornece informações de 19 peças doadas ao museu pelo referido doador, o que nos permite pensar que a doação se deu como forma de preservar a memória da família ou como forma de perpetuar distinção social da família.

Em outro termo de propriedade observado encontramos louça de origem holandesa pertencente a Adélia Gurgel Valente de Lima, que doou para o museu em 15 de dezembro de 1968 as seguintes peças:

[13] Os selos acima ilustram as marcas das fábricas de louça em questão

> "Uma fruteira, em porcelana branca inglesa;
> Um pirex de cerâmica holandesa bordado com flores azuis"
> (Comprovante de Título de Propriedade nº 0017/M, 15 de dezembro de 1968)

Um dos maiores doadores foi José Flávio Costa Lima, descendente dos proprietários de uma das casas comerciais mais importantes de Aracati, no século XIX. A doação realizada por ele compreende 26 peças entre louças, mobília, Destaca-se Prato raso, porcelana inglesa, decoração policromada com motivos vegetais, marca J & G Meaking England" (Catálogo do Museu, 1980:14. Peçanº 088).

Figura 03- Terrinha Octogonal com tampa. Porcelana inglesa. Decoração policromada com motivos florais. Alt. 11 cm n. inv. 172. Doação de Maria Filismino. Marca Thos Hughes & Son Ltd.


075- TERRINA OCTOGONAL COM TAMPA. Porcelana inglesa. Decoração policromada com motivos florais. alt. 11cm. n. inv. 172. Doação de Maria Filismino. Marca: Thos Hughes &Son Ltd.

Fonte: Museu Jaguaribano e Catálogo do Museu Jaguaribano, 1980

A presença dessas peças nos permite entender o nível de consumo da elite aracatiense. A relevância de tais objetos para as famílias ainda é carregada desse sentimento de distinção social, pois as mesmas são guardadas e depois entregues a um museu, para que as mesmas sejam vistas e sua família lembrada.

A variedade de produtos que circulavam pelo mundo proporcionava aos consumidores um grau de escolha que proporcionava uma identidade. Embora segundo Freyre (2000, p: 232) ao citar os lares brasileiros como exemplo afirma que "os ingleses tiveram [...], assim, uma influência direta sobre a europeização dos interiores das casas brasileiras". Essa influência é percebida na mobília, nos adornos, nas louças e até nas paredes das casas. A presença de artigos ingleses é preponderante, embora sejam encontrados artigos domésticos, como mobília austríaca, louça francesa e alemã, além de escarradeira holandesa, dentre outros.

A circulação não foi apenas de objetos, mas também dos rituais que estava implícito nos mesmos, segundo Freyre (2000, p 232) "A casa de Mr. Stewart devia ser uma daquelas boas casas de ingleses do Poço da Panela onde se tomava chá à tarde tão religiosamente como na Inglaterra". O ritual do chá e do jantar foi incorporado ao cotidiano das famílias brasileiras que tinham poder aquisitivo para adquirir as mercadorias que compunham tal ritual.

Quanto aos objetos que fazem parte do ritual do chá, Freyre (2000, p: 232) comenta que da "freqüência com que aparecem os 'aparelhos de chá', de louça inglesa e mesmo francesa, nos anúncios de jornais brasileiros da primeira metade do século passado", Freyre enfatiza que o consumo do chá foi absorvido rapidamente, desde as primeiras décadas do século XIX. Além dos objetos que foram incorporados ao cotidiano de inúmeras famílias pelo mundo, os rituais que os seguem também foram incorporados. A forma de se vestir, de comer, de se sentar passou a fazer parte da rotina dos que desejaram se aproximar da sociedade europeia, modelo de civilidade e progresso.

Na cidade de Aracati não foi exceção, diante de sua importância econômica e 'exemplo de civilidade', sendo possível a mesma ser inserida dentro de um processo civilizador capitalista. Podemos perceber tal inserção através das mercadorias de uso doméstico que foram exportadas da Europa.

Associando desta forma o processo civilizador ao capitalismo em expansão, entendemos que o este procedimento pode ser analisado como processo civilizador-capitalista, onde as regras de sociabilidade e civilidade estão interligadas à aquisição de bens que irão cumprir com os rituais ensinados através dos manuais. Lembramos ainda que nem todos os membros da referida sociedade tinham poder aquisitivo para adquirir tais bens e ainda não faziam parte de uma rede de sociabilidades que se distinguiam através de suas posses e comportamento. Os manuais cumpriam essa função de civilizar e ensinar aos membros da sociedade a se comportarem em sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a entrada das louças e demais mercadorias europeias, observa-se mudanças nos hábitos e costumes locais, como no consumo do chá e o ritual do jantar. Ocorreram mudanças na estrutura da casa, pois se fazia necessário um espaço de sociabilidade, neste caso, a sala de jantar, que foi um espaço destinado a receber os convidados e exibir seu status social através das louças adquiridas. Os guarda-louças passaram a ter a função de vitrine que atraia a atenção dos convidados e que também ditavam uma moda. A distinção social provocada pelas referidas peças também está relacionada ao seu uso, o saber manusear os talheres como se fosse parte de seu corpo, ou seja, com naturalidade, funcionariam como outro elemento distintivo.

O caráter de exibição dos objetos também foi observado na quantidade de objetos doados por membros de famílias mais abastadas no século XIX, e que tinham como objetivo preservar a memória da família através da dação de itens que ressaltassem o poder e a importância da família para a cidade de Aracati. Isto pode ser observado através das louças, do mobiliário, dentre outros. A presença destes forneceu informações importantes acerca do cotidiano da elite aracatiense através da cultura material analisada.

O estudo da cultura material possibilitou entender, a partir dos objetos, como a sociedade aracatiense apropriou-se de elementos materiais de outra cultura, do processo civilizador capitalista da segunda europeização, e traduziu seu valores e uso para a sociedade local, não deixando de alimentar seu poder de distinção social. As elites aracatienses, portanto, para se aproximar daquele modelo europeu, passam a se apropriar de seus rituais, hábitos e costumes e unindo coisas, valores e usos, diferencia-se dos demais grupos.

FONTES

- Catálogo do Museu Jaguaribano, Coleção Museus do Ceará, Vol. I: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará; Fortaleza, 1980.
- Termos de Propriedade das peças doadas e/ou cedidas ao Museu Jaguaribano, produzidas entre os anos de 1968 e 1998.
- Peças museológicas do século XIX oriundas da Europa e que foram doadas e/ou cedidas ao Museu Jaguaribano, entre os anos de 1968 e 1998.

REFERÊNCIAS

APPADURAI, Arjun (Org.). **A vida social das coisas. As mercadorias sob uma perspectiva cultural.** Niterói: EdUFF, 2008.

BANDEIRA, Beatriz. A Faiança portuguesa entre os séculos XVII e XIX. In: VESTÍGIOS – Revista Latino – Americana de Arqueologia Histórica, Vol. 7, nº 2 (Julho-Dezembro), 2003
BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2003.

BRANCANTE, E. F. **O Brasil e a Cerâmica Antiga.** São Paulo, Ed: Lithographia, 1981.

CALDARELLLI , Solange Bezerra. **Arqueologia do Vale do Paraíba Paulista.** São Paulo, 2000.

DOBB, Maurice H.**A evolução do capitalismo.** 2ª Ed., São Paulo; Nova Cultural. 1986.

ELIAS, Norbert.**O processo civilizador: uma história dos costumes.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. Vol. 1. 1994.

GIRÃO, R.**História Econômica do Ceará.**Fortaleza:UFC/ Casa José de Alencar Programa Editorial, 2000.

GIRÃO, V. C. **As Oficinas ou charqueadas no Ceará.** Fortaleza: Secretaria de Cultura/IOCE,1984.

HEINZ, Flávio M. (Org.). **Por uma outra história das elites.** Rio de Janeiro: Editora FGV. 2006.

HILBERT, Klaus. Diálogos entre substâncias, cultura material e palavras. **Métis** (UCS), v. 8, p. 11-26. 2009.

HOBSBAWM, Eric J. **A Era dos Impérios** - 1875-1914. Rio de Janeiro, Paz e terra, 2007.

_________________. **A Era do Capital** - 1848 – 1875, Rio de Janeiro, Paz e terra, 2012.
LEITE, A. C. O. **Algodão no Ceará: estrutura fundiária e capital comercial, 1850 -1880.** Fortaleza: SECULT, 1994
LIMA, T. A. Chá e simpatia: Uma estratégia de gênero no Rio de Janeiro Oitocentista. **Anais do Museu Paulista***,* S. Paulo, Nova Série v. 5, p: 93 – 127, jan./ dez.1997.

MALERBA, Jurandir. ***A corte no exílio*: civilização e poder no Brasil às vésperas da Independência**: Editora Companhia das Letras, São Paulo (2000).

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Cultura material no estudo das sociedades antigas. **Revista de História**, São Paulo, n.115, p.103-117, jul.-dez. 1993.

MOTA, Francisco Assis Sousa. **A Secular Casa Bóris e a importância de seu arquivo.** Fortaleza, Secretaria de Cultura e Desporto, 1982.

OGNIBENI, Denise. **Cultura Material e vida cotidiana no meio rural do Rio Grande do Sul, no final do século XVIII e princípio do XIX: o sítio R 23/ Barra Falsa, um estudo de caso. – vias de acesso ao Mercado: a louça e o contrabando no sul.** (Dissertação de Mestrado em História), Porto Alegre: PUCRS, 1998.

REGO, Júnia Motta Antonaccio Napoleão do. **Dos sertões aos mares: história do comércio e dos comerciantes de Parnaíba**.. (Tese de Doutoramento). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2010.

STAROBISKI, Jean. **As máscaras da civilização: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SOUSA, Eusébio de. Duas palavras sobre "Terra Aracatiense". IN: LIMA, Abelardo Costa. **Terra Aracatiense**. Coleção Biblioteca de História do Ceará. 2ª edição. 1979.